DISCURSO DO PROF. JACQUES MARCOVITCH AO RECEBER O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, EM 22 DE JUNHO DE 2022.

Magnífico Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Caros colegas, caros amigos.

A saudação do professor Fabio Frezatti amplia mais ainda o meu reconhecimento pelo honroso título que me foi outorgado. Saiba, estimado colega e amigo, que as suas palavras, atenciosas e bem escolhidas, serão guardadas para sempre na memória afetiva, espaço onde ficam as reminiscências da USP, uma razão de vida e berço da minha formação intelectual.

Devo dizer, também, que as presenças nesta cerimônia, revestem-se de um simbolismo altamente significativo. Reúnem-se aqui, e a distância, integrantes e lideranças de peso na academia e na sociedade, duas forças vivas do processo civilizatório. Combinam-se, ambas, de tal modo que se poderia equivocadamente situá-las no mesmo plano das decisões fundamentais. Mas a universidade pública nega esta equivalência decisória, colocando-se reiteradamente como servidora dos anseios de bem-estar do conjunto social.

À sociedade, que é mantenedora da Academia, cabe uma legítima expectativa de receber dela o melhor desempenho possível, mesmo prevalecendo a autonomia universitária consagrada em nossa Constituição. Isso não impede que a comunidade acadêmica, quando necessário, recorra à comunidade maior em busca de apoio aos elevados interesses da ciência e do conhecimento. Somos partes inseparáveis na mesma luta contra o atraso e o obscurantismo.

Eis, caras amigas e caros amigos, uma síntese possível da relação que sempre inspirou este veterano professor homenageado, ao longo de sua caminhada como docente, nas suas incontáveis aulas e como gestor acadêmico, integrando equipes talentosas, durante mais de meio século, nesta sempre querida casa da ciência e da cultura.

No livro autobiográfico “Diário de um Século”, Norberto Bobbio dedica um largo capítulo às suas obrigações de professor. Abre o relato com palavras claras e assertivas: “Ao voltar os olhos para o passado, não tenho dúvidas sobre qual foi a

minha principal atividade: o ensino universitário". Ele dedicou-se à cátedra desde 1948, até aposentar-se em 1984, como Professor Emérito.

Logo em seguida, no mesmo parágrafo, vem outra afirmação inesperada. Disse ele: "Durante a maior parte de minha vida desempenhei duas tarefas dificílimas: ensinar e escrever". Asseverou, mais adiante, o que possivelmente diríamos, todos nós, se fôssemos questionados a esse respeito: "Sempre me senti, ele escreveu, bastante perseguido pela dúvida de estar ou não à altura de tão árduos compromissos".

Longe, no tempo e no espaço e, sobretudo, nos méritos desse grande mestre, inspirado no seu exemplo, cabe acrescentar que essa dúvida alimenta o nosso ofício e nos faz cada vez mais empenhados no aperfeiçoamento das práticas de docência e fundamentação teórica do que transmitimos aos nossos alunos. O professor que se julga sábio mostra-se faltoso a uma virtude essencial da profissão: a humildade, a obstinada busca por saber mais, a incerteza permanente sobre as virtudes que nos atribuem.

Esta introdução já deixou claro que o título de Professor Emérito é por mim recebido com extrema gratidão. Comoveu-me a votação expressiva que a indicação obteve no colegiado máximo da nossa academia. E, reconhecido a todos esses votantes, peço licença para expressar meus agradecimentos às manifestações de alguns colegas naquela sessão.

Registro as palavras generosas da indicação encaminhada pelo Professor Fábio Frezatti, eminente diretor da FEA. Sou também grato, com igual ênfase, à colega Maria Dolores Montoya Diaz, diretora recém-eleita da FEA. O meu muito obrigado aos colegas Pedro de Abreu Dallari, diretor do Instituto de Relações Internacionais, e Paulo Martins, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pelos depoimentos fraternos sobre o nosso convívio na Universidade. O meu reconhecimento à representação discente, na pessoa de Ana Paula Garcia, que sublinhou a importância do engajamento no movimento estudantil. Sensibilizaram-me fortemente as palavras magnânimas do Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior e demais colegas que se pronunciaram, naquela sessão do Conselho Universitário.

De modo geral, os oradores que se manifestaram sobre o tema dominante numa das linhas de pesquisa, referiram-se às preocupações que temos com o aprimoramento da governança universitária. O colega Fábio mencionou, entre os estudos mais recentes, o Projeto Métricas, que tenho a honra de coordenar, e que é

uma parceria entre as universidades estaduais paulistas, com o ativo engajamento das universidades federais do estado de São Paulo, visando o monitoramento dos respectivos desempenhos para a conquista de mais espaços nas comparações nacionais e internacionais. Tenho, nesse Projeto, a honrosa companhia de dedicados pesquisadores e pesquisadoras. Acrescento a esta lista o valioso apoio da FAPESP e o endosso dos dirigentes das universidades públicas.

Determinantes e os desafios do desempenho acadêmico.

Acompanhar pragmaticamente as comparações globais para monitorar sua metodologia e aproveitá-la não significa negar, em qualquer hipótese, a vocação crítica da academia. É um procedimento que se insere nos padrões da mais estrita razoabilidade.

Recentemente, respondemos à mensagem do Tribunal de Contas da União (TCU), que aqui reproduzo: *"Historicamente, as universidades estaduais de São Paulo sempre figuraram entre as melhores do país e da América Latina nos rankings internacionais de avaliação de desempenho universitário. O que essas instituições de ensino fazem de diferente das outras universidades públicas para sempre estarem no topo?".*

A nossa resposta foi igualmente compacta, reproduzindo os sete parâmetros que orientam o Projeto Métricas:

1. **Autonomia de gestão e previsibilidade financeira** com planos plurianuais e parâmetros de sustentabilidade econômico-financeira que também viabilizam a captação de recursos externos.

2. **Áreas específicas de excelência internacional**, com a colaboração entre universidades e seu entorno. (agronomia e odontologia são exemplos)

3. **Vínculos fortes e duradouros** com universidades internacionais, organizações da sociedade e empresas em prol do impacto econômico, social e ambiental.

4. **A Fapesp**, **fonte de financiamento competitiva**, com receita prevista em lei e alinhamento com normas internacionais de avaliação.

5. **Ambiência do entorno que valoriza o ensino superior e a pesquisa** ampliando as conexões acadêmicas, profissionais e institucionais.

6. **Propósito de avançar nas fronteiras do conhecimento e aprimorar o ensino**, com atratividade de docentes e discentes de todo o Brasil.

7. **Gestão de dados e pesquisa institucional**, para melhorar o desempenho acadêmico excedendo à avaliação externa.

São estes ativos que nos permitem destacar cinco desafios a serem enfrentados com vigor pelas instituições de ensino superior dedicadas à curadoria e construção do conhecimento:

- A **ciência aberta** que assegura o acesso ao conhecimento acumulado e em construção com engajamento da sociedade na concepção, avaliação e divulgação de pesquisa.
- As **métricas de impacto** centradas na sociedade, para responder proativamente às crises econômicos, sociais e ambientais.
- A **inclusão social,** o respeito à diversidade e o acompanhamento dos egressos em suas trajetórias profissionais.
- A **avaliação responsável** que valoriza o rigor científico e o impacto do ensino, da pesquisa e da extensão, além das iniciativas culturais.
- A **governança universitária** atenta à defesa da seleção pelo mérito com inclusão social e a emergência de novas áreas de conhecimento.

Missão da Universidade na construção da nova era

As primeiras décadas do século XXI anunciam a migração para uma nova era. Rupturas nas esferas sanitária, econômica, social, política, ambiental e geopolítica geram impactos transformadores. Entre esses impactos encontramos a redução do Indicador de Desenvolvimento Humano, o aumento do desemprego e da desigualdade, o aguçamento da polarização fragmentadora, a elevação de eventos extremos e a imprevisibilidade na prospecção do futuro.

Nesta migração para uma nova era, prevalece a noção de que a universidade pública não é uma ilha. Tem ela como princípio indeclinável o diálogo com a sociedade. Um diálogo que se acentuou ainda mais na crise sanitária.

À guisa de exemplo complementar, encontra-se o Projeto *Pioneiros & Empreendedores,* que conta com a valiosa contribuição da museologia, para valorizar o papel empresarial na saga do desenvolvimento brasileiro.

Outro exemplo é a parceria com o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, onde buscamos dar uma dimensão social à prática da bioeconomia na Amazônia. Estudamos o papel das comunidades tradicionais na preservação do bioma, os meios adequados para a sua organização e, sobretudo, a remuneração justa pelo cultivo florestal não madeireiro. Elevando o bem-estar das comunidades e dos povos da floresta, contribuiremos para a eliminação da ilicitude em todos os seus graus, que inclui sequestros, assassinatos, tráfico de drogas, miséria e desmatamento.

A universidade moderna tem um compromisso social indeclinável. A preocupação em fugir do olhar externo e se ocultar em bolhas indevassáveis era típico em instituições medievais. Cercavam-se de muros, isolando-se do mundo ao redor.

A universidade contemporânea, pelo contrário, torna a alteridade como um de seus fundamentos. Vê com interesse os cidadãos, mostra-se nitidamente ao olhar de todos. Uma das formas de se exercitarem para receber críticas, e fazê-las, é não temer comparações.

Descobrir em outras universidades os pontos fortes que as levaram a conquistar posições e, caso o reforço próprio desses pontos não afete o seu projeto essencial, fazer o mesmo – eis a chave do reconhecimento internacional.

Missão do docente na construção da nova era

Feitos estes registros, lembremos a missão docente, exercida por todos que ocupam este auditório. Compartilho este honroso título com os presentes e com aqueles colegas anônimos, em modestas escolas públicas do Ensino Básico e Médio. Eles também contribuem, como nós, para a formação de novas mentalidades no Brasil, sem o reconhecimento que merecem. Por isso, merecem destaque as propostas do “Movimento Todos Pela Educação” para inverter as vias do caminho para alcançar a cidadania. A educação, como política pública, emergirá da sociedade civil para o Estado, e não deste para a sociedade civil.

Mesmo considerando apenas o universo usualmente referido quando se fala em ciências, podemos invocar o notável Max Weber. Ele escreveu um ensaio memorável, “A ciência como vocação”, onde o ensino é o foco principal. Weber viu este ponto numa perspectiva ainda hoje muito válida: “Talvez a mais difícil de todas

as tarefas pedagógicas seja a exposição de problemas de maneira tal que uma mente inexperiente, porém receptiva, possa entendê-los e pensar autonomamente sobre estes problemas".

A capacidade comunicativa, portanto, é importante para os professores. Mas isso não desqualifica cientificamente, na universidade, o pesquisador que não sabe comunicar-se com grande brilhantismo.

Ensinar não é só falar desembaraçadamente em sala de aula presencial ou remota, mas também formar novos cientistas em grupos de pesquisa, e isso pode ser feito por um pesquisador tímido, que não tem o dom da comunicação.

O ensino, reitero, deve abranger todas as disciplinas, inclusive a arte. Esta categoria certamente não científica é tão importante para a humanidade como se o fosse. Não podemos renunciar ao saber filosófico e artístico acumulado em milênios, trocando tudo pelas novidades cibernéticas, inegavelmente bem-vindas, mas que não bastarão jamais para a formação integral das pessoas.

Ensinar é resistir à ignorância, compartilhar saberes, atualizar o conhecimento das ciências. Ensinar é trazer novas convicções que norteiam a nossa marcha de todos os dias para o futuro. Ensinar é repetir as verdades, por maiores que sejam os negacionismos.

Ensinar é formar arquitetos de horizontes imbuídos dos valores consagrados no Código de Ética da USP, entre os quais: a liberdade, a justiça, a dignidade humana, a solidariedade e a tolerância em relação às opiniões divergentes.

Aqui estamos, inconformados com o passado e com o presente, buscando modelos que efetivamente pluralizem a educação nos dias vindouros. E uma educação plural não pressupõe apenas o ensino de múltiplos modos de pensar a realidade. Educação plural é também, e talvez sobretudo, a educação que visa o geral, o todo, e não apenas uma parte da sociedade. Com isso em mente e enfrentando sem abatimento as atuais dificuldades, talvez possamos legar uma escola melhor e um mundo mais justo aos que vierem depois de nós.

O lugar da universidade na sociedade

A universidade é um lugar de construção. Construção de valores, visão de mundo, defesa das causas justas, formulação de políticas públicas e resiliência para perseverar diante dos obstáculos encontrados.

A universidade conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de competências, ideias e valores. Ela fortalece a herança com o seu reexame, atualização e transmissão adequada. Gera conhecimentos, que passam a integrar os saberes acumulados. Assim, a universidade é conservadora, mas igualmente recuperadora e geradora de conceitos modernos e progressistas.

E aqui voltamos a um dos fatores determinantes desta ambivalência positiva, que é a boa gestão. Uma gestão capaz de renovar dialeticamente o pluralismo – valor máximo da vida acadêmica. Este professor que vos fala, emérito por decisão vossa, me leva a enfatizar conceitos já referidos em discurso de posse na Reitoria, há 25 anos, neste mesmo auditório.

Disse, naquela oportunidade, e aqui reitero, que a gestão universitária é algo continuado, embora a cada período surjam novas iniciativas e novas ideias. Os mandatos, na verdade, são espaços de tempo interdependentes, cada um complementando e jamais anulando as etapas vencidas.

A Universidade de São Paulo nasceu em 1934, impregnada pelos valores da cultura e das chamadas humanidades. Originou-se, portanto, do modelo liberal de ensino superior. Recebendo no seu seio escolas, institutos e faculdades existentes, soube, ao longo de 88 anos, não apenas expandir esta área, mas agregar, simultaneamente, outras e múltiplas competências. Tem, no corrente ano de 2022, o mais rico portfólio em ciência e tecnologia entre todas as congêneres da América Latina.

Aos dezoito anos de idade fiz com a USP um pacto de vida inteira. Vejo, no título que hoje estou recebendo, o reconhecimento às muitas equipes que cumpriram com seus deveres neste enlace. Quero proclamar que a universidade escolhida para nela percorrermos toda uma jornada, correspondeu plenamente às nossas expectativas desde nossa juventude.

Hoje, quando temos mais passado que futuro, posso dizer que a Universidade de São Paulo, em marcha para o seu centenário, chegará um dia à idade já alcançada por suas congêneres da Europa. E antes, muito antes disso, terá paridade com esses avançados núcleos de excelência.

Ao chegar à idade que tenho, dedico-me ao futuro nas três atividades que compõem a minha linha de pesquisa: o Projeto Métricas será uma estratégia para tornar a universidade pública ainda mais reconhecida nas comparações globais; o estudo do pioneirismo visa a perenidade do legado que os gestores de hoje

herdaram dos pioneiros na história do trabalho; e, no debate ambiental, a preparação de uma nova era planetária que, em nosso país, prenuncia-se na conservação da Amazônia.

Não digo isso por demasiada autorreferência ou vanglória, mas para prestar contas aos colegas que tão generosamente me concedem esta honraria. Em meu modo de ver a condição de Professor Emérito, longe de ser uma condecoração por batalhas vitoriosas, cria deveres para os que permanecem no campo da construção do futuro pela via do conhecimento. Se depender de mim, todos os dias serão dias de trabalho nesta direção. E o trabalho para nós, professores, é a busca permanente do saber. Uma atividade gratificante, com as suas pausas necessárias para a vida significativa, o bem maior que nos foi concedido.

Muito obrigado.

Referências:

BOBBIO, Norberto. Diário de um Século: Autobiografia. Trad. Daniela Becaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TÉRCIO, Jason. Em Busca da Alma Brasileira: Biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

WEBER, Max. Economy and Society. New York: Bedminster Press, 1968.

_____. Sobre a Universidade. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Cortez, 1989.